

## **Os movimentos juvenis de 1968: caráter mundial, fontes ideológicas e formas de organização**

***Luís Antonio Groppo***

Pesquisador do CNPq

Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Programa de Mestrado em Educação, Unidade Americana

São Paulo

Eixo Temático: Educação e movimentos sociais

### ***Resumo***

Com base em ampla pesquisa bibliográfica e de fontes, o texto apresenta 1968 como uma onda mundial de revoltas das juventudes. Defende-se que o núcleo deste processo global combinou questões políticas e questões culturais, por meio de uma “síntese” entre terceiro-mundismo, novas esquerdas e contraculturas. O trabalho, em primeiro lugar, apresenta o caráter juvenil de 1968, para em seguida dissertar a respeito do caráter mundial das revoltas e das “causas” de 1968; suas principais fontes ideológicas e pragmáticas; e as formas de organização e motivações dos rebeldes. Conclui apresentando algumas das promessas “não-cumpridas” de 1968, considerando que a reflexão sobre elas pode contribuir para com a sensibilização de novos movimentos em favor da emancipação humana.

**Palavras-chave:** movimentos estudantis; movimentos juvenis; 1968.

## **Os movimentos juvenis de 1968: caráter mundial, fontes ideológicas e formas de organização**

*Luís Antonio Groppo*

### ***Introdução***

Este trabalho apresenta 1968 como uma onda mundial de revoltas das juventudes, onda cujo cerne foi uma confluência entre questões políticas e questões culturais, uma espécie de síntese entre terceiro-mundismo, novas esquerdas e contraculturas. O trabalho foi escrito com base em ampla pesquisa bibliográfica e de fontes primárias e secundárias sobre os movimentos dos anos 1960, em especial sobre os movimentos estudantis de 1968, discussão a qual venho me dedicando ao longo dos últimos anos. Este trabalho reúne algumas das conclusões destes meus estudos no campo da juventude e dos movimentos estudantis.

O texto deseja contribuir na reconstrução de um contexto mais global que serve de panorama e ao mesmo tempo explica a emergência dos movimentos dos anos 1960. Para tanto, não discute apenas a condição juvenil e a dinâmica dos movimentos de 1968, mas, também, fenômenos e processos sócio-históricos como a Guerra Fria, a “Era de Ouro” da economia mundial, crise e massificação das instituições de ensino superior, descolonização, terceiro-mundismo, regimes socialistas e socialismos heterodoxos, entre outros.

Este escrito permite, assim, vislumbrar os movimentos juvenis dos anos 1960 para além de uma simplista explicação referenciada nos impulsos supostamente naturais de rebeldia juvenil, já que destaca que a revolta dos jovens dos anos 1960 é um fenômeno cuja origem é histórica e social; já que apresenta o caráter social das juventudes, demonstrando a pluralidade das juventudes, cada qual compreensível apenas se esta categoria etária for articulada com outras variáveis sociais. Também permite superar outra concepção simplista, a que naturaliza o “conflito de gerações”, dado que o trabalho busca explicar as específicas determinações sócio-históricas responsáveis pelo fato de que a geração jovem e a geração madura desenvolveram, naqueles anos 1960, em especial em 1968, diferentes visões de mundo e expectativas,

### ***Caráter juvenil de 1968***

Os movimentos de 1968 – ano que foi, na verdade, auge de uma onda de revoltas que abrangeu praticamente toda a década de 1960 – tiveram uma notável diversidade regional e nacional, e mesmo notável diversidade nos tipos de revolta. Foram estudantis, contraculturais, nacionalistas, operárias, guerrilheiras, étnicas e, logo, feministas e ecológicas. A juventude, real ou presumida da maioria dos participantes destas revoltas, ou ao menos a juvenildade que deu o

tom de boa parte dos protestos, foi o principal denominador comum desta onda. A juventude pode ser identificada como o elemento unificador e caracterizador das revoltas de 1968.

É importante, contudo, precisar melhor o que se apresenta acima como juventude. Trata-se de um conceito sociológico que se refere a uma categoria social – a juventude, parte ela própria da estrutura de categorias etárias – que é um componente do edifício das sociedades modernas e contemporâneas. Ao mesmo tempo, o que temos realmente é uma diversidade de juventudes. A juventude cabe bem melhor no plural que no singular, certamente, já que para compreender as juventudes é preciso correlacionar a chamada condição juvenil com outras categorias sociológicas, tais como classe social, nacionalidade, gênero, raça e etnia, condição urbana ou rural, religiosidade etc. (Groppo, 2000).

A condição juvenil, que atravessa as diversas juventudes, por sua vez, é dialética. Dialética, pois se refere a um conjunto de indivíduos reunidos por instituições socializadoras cuja função é a integração social; esta reunião, contudo, torna possível a criação de identidades, valores e práticas que podem se apresentar como alternativas e até mesmo rebeldes em relação aos valores vigentes. A condição juvenil também é dialética, pois, segundo Marialice M. Foracchi (1972), trata-se de uma relação experimental com os valores e com os fundamentos da realidade; neste momento, ainda está a sedimentar-se tais valores e fundamentos na consciência e identidade; segundo Karl Mannheim (1982), é na juventude que pela primeira vez os indivíduos podem defrontar-se, racionalmente, com o cerne dos valores que sustentam a ordem social vigente, assim como podem rejeitar parcial ou totalmente tais sustentáculos. (cf. também Groppo, dez. de 2004).

1968 foi uma onda mundial de revoltas que teve como seu principal combustível a rebeldia que emergiu, de modo inesperado e flamejante, desta dialética condição juvenil, desta possibilidade de as juventudes, reunidas em prol da integração social e do acolhimento passivo dos fundamentos da ordem social vigente, subverterem por completo o motivo pelo qual foram acolhidas em instituições socializadoras, tais como escolas, grupos juvenis religiosos e políticos de diversas ordens e, em especial a partir dos anos 1960 entre as chamadas “classes médias”, as universidades.

1968, contudo, não foi a revolta de todas as juventudes, muito menos de todos os jovens. O que é correto dizer é que a tendência foi de que as revoltas sociais desta década tenham sido protagonizadas por sujeitos jovens, bem como que alguns tipos de juventude tiveram maior probabilidade de estar presentes, notadamente os jovens de classe média, universitários e dos grandes centros urbanos mundo afora.

### ***Caráter mundial de 1968***

O segundo aspecto que gostaria de destacar é o caráter mundial de 1968. Na verdade, o que possui caráter mundial é toda a onda de movimentos juvenis ao longo dos anos 1960. Onda que se iniciou, provavelmente, com os protestos estudantis na América Latina e na Ásia – em 1958 e 1959 – contra a visita do presidente e vice-presidente dos Estados Unidos a diversos países do chamado Terceiro Mundo ou, talvez, com a Revolução Cubana de 1959. (Mills, 1961, Ianni, 1968). Onda que atingiu seu auge e caráter mais mundial justo no ano chave de 1968. Onda que, enfim, parece ter atingido seu ponto final, ainda que culminante em números absolutos dentro de uma nação, na greve nacional de estudantes nos Estados Unidos em 1970. (Katsiaficas, 1987).

O caráter mundial de 1968 se insinua pelo fato de não ter sido exclusivo de nações do chamado Primeiro Mundo – onde, contudo, pareceu mais característico e até mais generalizado, em países como Estados Unidos, França, ex-Alemanha Ocidental, Itália, Inglaterra etc. Ele ocorreu com força também em nações do Terceiro Mundo, em especial contra o capitalismo imperialista capitaneado pelos Estados Unidos, afora questões locais (geralmente lidas como derivadas daquele imperialismo), seja na América Latina (Brasil, México, Argentina, Uruguai etc.), seja na Ásia (Sri Lanka, Paquistão, Índia etc.), seja na África (Egito, Tunísia, Senegal etc.). O que poderia denotar uma onda mundial anticapitalista, porém, encontra sua complexidade ainda maior quando nos deparamos com a força de movimentos estudantis no então chamado Segundo Mundo, em nações socialistas vivendo à sombra do Império Soviético: ex-Iugoslávia, Polônia e ex-Cecoslováquia; bem como em uma nação que já entrara em rota de choque contra a União Soviética, mesmo se autodenominando também como socialista: China. (cf. Wallerstein, 1989). A revolta adquiria não apenas um caráter anticapitalista e antiimperialista, mas também contrário a formas burocráticas de socialismo.

A revolução de 1968 eclodiu em toda a parte – nos Estados Unidos e na França, na Alemanha e na Itália, na Tchecoslováquia e na Polônia, no México e no Senegal, na Tunísia e na Índia, na China e no Japão. As aflições e reivindicações específicas eram particulares a cada lugar, mas os dois temas recorrentes eram: um, a denúncia do sistema-mundo dominado pelos Estados Unidos, em colusão com seu oponente retórico, a URSS; e dois, a crítica da Velha Esquerda por seus fracassos, principalmente o fato de seus múltiplos movimentos terem se tornado meros avatares da doutrina liberal. (Wallerstein, 2002, p. 74, 75-76).

Mas, sobretudo, a sua generalidade e complexidade fizeram da onda de revoltas dos anos 1960 parecer uma galáxia de contestações, uma totalidade complexa que, assim analisada, contribui para melhor compreender as suas partes. Longe estamos de uma conspiração internacional. Quase nada se observa em 1968 que o assemelhe a um movimento mundialmente coordenado, já que as organizações dos rebeldes eram nacionais e muitas vezes até locais. O que

temos, na verdade, é um todo formado pelo conjunto dos movimentos e pelos elementos que fizeram as revoltas detonar – elementos também de caráter transnacional.

Temos, então, que os elementos explicativos de 1968, os quais compõem o contexto que detonou as revoltas, também têm em boa parte um caráter mundial. Alguns deles se destacam: a Guerra Fria, a Descolonização, a “Era de Ouro” da economia mundial, a massificação do ensino superior e a iminência da crise do compromisso fordista. Gostaria de comentá-los brevemente.

A Guerra Fria colocou diante de si duas superpotências – Estados Unidos e ex-União Soviética - dois sistemas sócio-econômicos pretensamente distintos – capitalismo “democrático” e “socialismo” de tipo soviético – e o Oeste versus Leste. Os dois blocos de nações angariados pelas superpotências foram vitimados por guerras localizadas e indiretas, intervenções das superpotências nos destinos de cada país, submetidos todos que estavam a uma divisão geopolítica na qual todo conflito local era tratado como questão mundial pelas superpotências. O mundo foi arrastado não apenas para uma corrida espacial que trazia a reboque a propaganda sobre qual era o sistema mais eficiente – tanto quanto o desenvolvimento de foguetes intercontinentais – mas, também, para uma corrida nuclear. Uma “espada afiada” parecia pairar acima da cabeça de todos, naqueles tempos em que vigorava uma verdadeira “ordem” irracional no planeta. (Arbex Jr., 1997; Hobsbawm, 1995). A irracionalidade do mundo não poderia deixar de ser percebida e negada por uma geração nova que ainda não internalizara aquela situação como “normal” em suas consciências. (Grossberg, 1993). A estupidez da Guerra Fria, ao longo dos anos 1960, em especial por conta do evento Guerra do Vietnã, se encontrava com a relação experimental com os valores e a realidade, típica da condição juvenil.

Um segundo complexo de elementos sócio-históricos foi a Descolonização, que significou, por um lado, contestações da ordem colonial e a subversão do mapa-múndi imperialista. (Canêdo, 1986). Foi, deste modo, um desafio à suposta primazia da civilização ocidental. Por outro lado, significou o drama das lutas pela libertação nacional, bem como o drama das guerras civis e das crises sócio-econômicas que se seguiram às independências. Enfim, a descolonização significou o apogeu de ideologias e práticas que motivaram os rebeldes em todos os três mundos, tais como terceiro-mundismo, mobilização de massas populares, resistências não-violentas, resistências violentas, guerrilhas, luta armada e socialismos alternativos.

Um terceiro elemento foi a “Era de Ouro” da economia mundial, entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início dos anos 1970. Foi uma época de enriquecimento econômico nos três mundos, em especial no Primeiro, o que significou para muitos e em muitos lugares uma certa superação da “economia da escassez” e a possibilidade de políticas sociais redistributivas e de “bem-estar”, dando origem aos chamados Estados “interventores” (como os

de Bem-Estar social, socialista e desenvolvimentista). (Hobsbawm,1995). Significou a possibilidade de demandas de bem-estar não só quantitativas, mas também qualitativas, em torno da qualidade da existência e do significado da vida (demandas feitas em especial pelos movimentos juvenis). Significou também a possibilidade de demandas por mais controle dos processos produtivos, como ficou patente nos movimentos operários de 1968 na França (na esteira de Maio de 68) e de 1969 na Itália.

O quarto elemento foi a massificação do ensino superior. Milhões de jovens acorreram às universidades e outras instituições de ensino superior, ao longo dos anos 1960, fenômeno que teve continuidade ainda mais acentuada nas décadas seguintes. Este fato redundou numa das principais crises da universidade moderna. (Santos, 2001). Crise que se anuncia com a resistência conservadora dos que viam o ensino superior como mero formador de elites restritas e iluminadas, mas ganha força ainda mais quando se torna clara a necessidade de readequar ensino e estrutura institucional diante da massificação e, principalmente, diante da pressão das novas necessidades de qualificação da economia industrial. Tal crise da universidade e seus elementos foram intensamente debatidos antes e durante os movimentos estudantis de 1968, por aqueles que foram então levados a esta instituição socializadora da juventude. (Fávero, 1991; Sanfelice, 1986). A massificação do ensino superior significou também a expansão em número das juventudes, tanto quanto o aumento da duração do próprio tempo da juventude para outras classes sociais mais, para além das elites. (Hobsbawm, 1995). Significou a formação da própria “massa” juvenil que se rebelaria ao longo dos anos 1960.

O último elemento que trago, entre os que contribuem para entender o caráter mundial de 1968, é o anúncio da crise do compromisso fordista. (Antunes, 1995; Harvey, 1993). 1968 foi o principal signo do anúncio de uma crise iminente, do colapso de um modo de ser da economia industrial – diante do qual o capitalismo teria de se metamorfosear e o socialismo soviético não iria suportar. O compromisso fordista, pacto mais tipicamente firmado no Primeiro Mundo – ainda que quase sempre de modo tão somente tácito – significava, de um lado, concessões de benefícios (direitos de bem-estar quantitativo) aos trabalhadores assalariados; de outro, a disciplina por parte da classe trabalhadora, a aceitação da heteronomia no processo produtivo. Como dito, porém, pressões pelo controle do processo de produção por jovens operários, bem como por bem-estar mais qualitativo por movimentos juvenis, anunciavam o rompimento deste pacto, primeiro por parte dos que deviam aceitar – no presente ou no futuro próximo – aquela obediência fatalista.

O pacto se rompe definitivamente a partir de 1971-73, com o fim dos Anos Dourados da economia mundial, com a crise da economia industrial anunciada com o fim do padrão-ouro para o dólar e iniciada com o Choque do Petróleo. A superação do compromisso fordista

encaminhou o sistema capitalista para sua reciclagem como capitalismo de tipo flexível (em vez de fordista), neoliberal (em vez de intervencionista) e global (em vez de nacional ou internacional). 1968 anunciou a crise que daria origem ao mundo em que hoje vivemos. (Groppo, 2006).

É importante, contudo, não terminar este item sem fazer o alerta sobre a importância dos condicionantes regionais e nacionais dos movimentos de 1968. A compreensão das especificidades – enormes e inúmeras – de cada movimento passa pela compreensão de fatores nacionais e pelo próprio histórico particular de cada país onde se deu cada revolta. É verdade, é possível estudar tais revoltas a partir de fatores e histórico focados em um país, por exemplo, relacionando o movimento brasileiro com a realidade do Regime Militar, a Guerra do Vietnã com a nova esquerda norte-americana, o Regime Gaullista com o Maio de 68 na França, a crise econômica e política mexicana com a Noite de Tlatelolco, as ingerências soviéticas com a Primavera de Praga etc. E é isto que a maior parte dos estudos sobre 1968 faz, em geral muito bem. Porém, no meu entender, parece que se perde ou não se percebe o muito que há em comum nesta série de revoltas, o quanto elas configuram um “bloco”, uma “totalidade”, uma “onda”. Busco aqui demonstrar a importância deste outro olhar sobre 1968.

### ***Fontes ideológicas e pragmáticas***

Considero que foram três os principais conjuntos de influências ideológicas e pragmáticas (na figura de formas de revolta) para a onda mundial de revoltas de 1968: terceiro-mundismos, novas esquerdas e contraculturas.

No conjunto dos terceiro-mundismos, temos, de início, ideologias e estratégias de luta anti-colonial – oscilando entre a resistência não-violenta representada por Gandhi (que seria retomada pelo movimento negro norte-americano pelos direitos civis, liderado por Martin Luther King) e a luta armada representada por Patrice Lumumba no Zaire. Em seguida, a proposta de não-alinhamento, proposta pela Conferência de Bandung e que deu origem ao termo Terceiro Mundo, ou seja, a proposta de se firmar um bloco de países que não eram alinhados nem ao capitalismo norte-americano nem ao socialismo soviético. Se muitos movimentos e grupos estudantis, ao longo dos anos 1960, tiveram este tom de não alinhamento marcante em sua prática, entretanto, seria mais característico em 1968 o terceiro-mundismo socialista, influenciado basicamente por Cuba e China. A Cuba de Fidel Castro, do mito do Che e do foquismo. A China de Mao Zedong, da Revolução Cultural Chinesa e dos Guardas Vermelhos.

Os socialismos terceiro-mundistas foram, na verdade, uma interseção entre estes dois conjuntos ideológicos: os terceiro-mundismos e as novas esquerdas. Foram parte de uma série de socialismos “alternativos” ao oficial de tipo soviético, incluindo também o trotskismo e

outras dissidências mais recentes dos Partidos Comunistas Soviéticos nacionais. (Cantor, 1978, Castañeda, 1994). Entre as novas esquerdas, ainda que com menos força ao longo dos anos 1960, é preciso citar os anarquismos – presentes muito mais em “espírito” que como ideologia consciente ao longo da década rebelde (Hobsbawm, 1982) – e os socialismos cristãos. E, enfim, as novas esquerdas européias, influenciados por pensadores da Escola de Frankfurt – em destaque, Herbert Marcuse -, Jean-Paul Sartre, C. Wright Mills e outros, na figura de jovens pensadores esquerdistas manifestando-se em publicações diversas.

O terceiro conjunto é formado pelas contraculturas. No seu sentido mais estrito, a contracultura se refere aos *beatnicks*, *hippies*, à psicodelia e ao rock psicodélico, localizados especialmente na América do Norte. Mas me refiro aqui à contracultura em seu sentido mais lato, denotando não apenas tais movimentos e expressões, mas outros que carregavam em comum certa revolta comportamental ou a prática alternativa das artes. Na revolta comportamental, aproximações e experiências no campo da liberdade sexual, do uso de drogas e na libertação dos comportamentos. Nas artes, experiências alternativas no campo do teatro, música, cinema, produção de cartazes, caricaturas, poesia etc. (Home, 1999, Leary, 1999, Roszac, 1972, Maciel, 1996).

Se parece mais clara a proximidade entre novas esquerdas e terceiro-mundismo, com o exemplo dos socialismos alternativos reverberando nas páginas anteriores, entretanto, creio que a confluência de ambos com as contraculturas foi uma característica ainda mais profunda ao longo dos movimentos rebeldes dos anos 1960. Uma análise breve sobre as organizações estudantis e as motivações dos estudantes rebelados ajudará, a seguir, a mostrar a realidade desta confluência, apesar de sua relativa inconsciência.

### ***Organização e motivação***

Foram diversas as formas de organização dos movimentos estudantis em 1968. Muitas vezes, como no Brasil, México, França e Estados Unidos, a organização declarada do movimento era mais levada pelos fatos do que a genitora dos acontecimentos. Ainda assim, tais entidades serviram como forma de expressão de diversas idéias, ideais e bandeiras de luta dos movimentos que diziam representar. Houve organizações oficiais dos estudantes, como a UNEF (União Nacional dos Estudantes Franceses), assim como organizações “semi-oficiais” como a UNE (União Nacional dos Estudantes) no Brasil – que havia sido declarada ilegal pelo Regime Militar. (Poerner, 1979, Moraes; Reis Filho, 1998, Sanfelice, 1986). Também, organizações pouco institucionalizadas, como o CNH (Conselho Nacional de Greve) no México, que funcionava na base de assembléias reunindo seus quatrocentos delegados. (Poniatowska, 1987).

Ao lado destas entidades, ou dentro destas, ou mesmo buscando controlar estas organizações maiores, tivemos organizações da “nova esquerda”, em geral informadas pelos socialismos ortodoxos, como trotskismo, maoísmo, foquismo e dissidências dos partidos comunistas soviéticos. Em geral, eram pequenas e aguerridas, com militantes que buscavam deter postos-chave de comando nas organizações acima citadas.

Mas também havia outro tipo de grupos estudantis ainda mais heterodoxos, principalmente nos Estados Unidos e França. No caso dos Estados Unidos, sob grande influência da contracultura, como o YIP (Partido Internacional da Juventude) – os *yippies*. Na França, além da própria contracultura, houve a influência do anarquismo – como o Grupo 22 de Março, de Daniel Cohn-Bendit, que acabou dando início ao movimento de Maio (Cohn-Bendit, 1988) – e de vanguardas artísticas, como o situacionismo de Guy Debord. Foi provavelmente do grupo situacionista que surgiram as mais provocativas pichações do Maio de 68, tais como “A imaginação no poder” e “Aquele que fala da revolução sem mudar a vida cotidiana tem na boca um cadáver”. Um destes grupos, que muitas vezes estava bem mais afim às motivações da massa estudantil que os socialistas heterodoxos, foi o Comitê de Ação Freud-Guevara, que afirmou em um panfleto:

A luta deve ter como seu objetivo final o estabelecimento de um sistema socialista no qual, através da destruição de barreiras, a criatividade de cada indivíduo seja liberta. Este objetivo implica uma revolução não apenas nas relações de produção, mas também no modo de vida, nas maneiras de pensar, nas relações humanas e no conceito da vida sexual como um todo. (apud Groppo, 2005, p. 260).

Por outro lado, o que muitas vezes se viu no interior das organizações estudantis, foi uma contradição, um descompasso entre a concepção que os militantes tinham do movimento e o que o próprio movimento era. Um relato de um militante de organização estudantil socialista no Brasil indica as contradições entre as motivações dos dirigentes do movimento para com a “massa” dos estudantes mobilizados:

Éramos dirigentes de um movimento de massa que se alimentava de descontentamentos vários e da ampla rejeição que o comando arbitrário dos militares provocava. Mas tínhamos [...] uma concepção estratégica que nos levava à outra coisa: à luta armada, pelo socialismo. Nas proposições estratégicas que habitavam a maior parte da esquerda [...], não havia espaço muito grande para um movimento de massa urbano com as características do nosso. Havia um descolamento entre a radicalidade do movimento estudantil, que em parte era informada pela ação provocativa, ação incisiva, enfática de suas lideranças, e as concepções mais gerais que essas próprias lideranças tinham a respeito de seu papel e de onde se deveria chegar. (S. Velasco apud Groppo, 2005, p. 123).

Por outro lado, nos seus relatos *a posteriori*, abundam entre as memórias dos líderes e militantes das organizações estudantis brasileiras de 1968 registros sobre a confluência entre as práticas políticas de resistência e as práticas contraculturais:

(1968) foi o ano em que experimentamos todos os limites, em que as moças começaram a tomar pílulas, que sentamos na Rio Branco, que fomos para as portas das fábricas, que redefinimos os padrões de comportamento. (C. Telles apud Groppo, 2005, p. 115).

### **Conclusão**

Desejo quase encerrar o texto registrando, ainda que com brevidade, o que foram - ou são – as “promessas não-cumpridas” de 1968. Muitos consideram, provavelmente com justeza, que 1968 teve algumas vitórias no campo dos comportamentos, no campo da cultura, mais do que no campo político. Registra-se em especial, como se viu nos relatos acima, o aumento da liberdade no âmbito da sexualidade e certo relaxamento do exercício da autoridade no campo da vida privada, como a paterna e a professoral. Por outro lado, menos “liberdade” se conquistou no campo das drogas.

Mas são muitas as “derrotas” ou promessas não-cumpridas de 1968, algumas até envolvendo parte das “vitórias” acima indicadas. Algumas promessas se derrotaram pela repressão, em especial as demandas pela democratização em ditaduras militares (como no Brasil) ou em quase-ditaduras civis (como no México), bem como demandas por formas mais democráticas de socialismo (no caso do Leste Europeu). Outras derrotas se deram pela “reciclagem”, ou seja, pelo redirecionamento de energias libertárias, no campo do comportamento, para o consumismo. (Baudrillard, 1972). Enfim, derrotas que se deram via cooptação, em especial duas: a transformação das artes contraculturais em produtos das indústrias culturais (Roszac, 1972, Coelho, 1990); o uso, readaptado e des-radicalizado, de formas de organização coletiva ensaiadas pelos movimentos juvenis, tais como a ocupação de faculdades e as práticas de autogestão nas unidades educacionais e produtivas (em especial, em 1968 na França): tais formas foram cooptadas pelo capitalismo em fase de flexibilização, diante da necessidade de romper com as práticas fordistas que sustentavam o capitalismo anterior. (Groppo, 2006).

Enfim, encerro este texto remetendo-me à idéia de que 1968 não continha, de modo determinista, tão somente a necessária perversão de suas promessas libertárias. Ele expressou e fez valer, nos comportamentos rebeldes, modos de ser e pensar que poderiam ter se efetivado – e que, em muitos pontos, ainda podem e até devem ser. Resgatar do passado o futuro não

realizado, como já preconizava Walter Benjamin, é sumamente importante para retirar do presente outros futuros alternativos. Revirar ruínas, seguir rastros, delirar sobre vestígios.

### **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

ARBEX JR., J. **Guerra Fria**. Terror de Estado, política e cultura. São Paulo: Moderna, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da Economia Política do signo**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

CANÊDO, L.B. **A Descolonização da Ásia e da África**. São Paulo/Campinas: Atual/Editora da Unicamp, 1986.

CANTOR, M. **The Divided Left**. American radicalism, 1900-1975. New York/Toronto: Hill and Wang/McGraw-Hill, 1978 (American Century Series).

CASTAÑEDA, J.G. **Utopia Desarmada**. Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

COELHO, C.N.P. **A transformação social em questão**: as práticas sociais alternativas durante o regime militar. 1990. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

COHN-BENDIT, D. **O Grande Bazar**. As revoltas de 1968, conversas com Michel Lévy, Jean-Marc Salmon e Maren Sell. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FÁVERO, M. L. de A. **Da universidade “modernizada” à universidade disciplinada**: Atcon e Meira Mattos. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.

FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo, Pioneira, 1972.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

\_\_\_\_\_. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do COGEIME*. Piracicaba, v.13, p.9 - 22, dez. de 2004.

\_\_\_\_\_. **Uma onda mundial de revoltas**: movimentos estudantis de 1968. Piracicaba: Editora Unimep, 2005.

\_\_\_\_\_. **Autogestão, universidade e movimento estudantil**. Campinas: Autores Associados, 2006.

GROSSBERG, L. The media economy of rock culture: cinema, postmodernity and authenticity. In: FRITH, S. et al. (orgs.). **Sound and Vision**. The music video reader. Londres/Nova York: Routledge, 1993.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**, tradução de Berilo Vargas, 3ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HOBBSBAWM, E.J. **Revolucionários**. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Era dos Extremos**. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOME, S. **Assalto à Cultura**: utopia subversão guerrilha na (anti) arte do século XX. São Paulo: Conrad, 1999.

IANNI, Octavio. O jovem radical. In: BRITO, S. (org.). **Sociologia da Juventude**. vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

KATSIAFICAS, George. **The Imagination on the New Left**. A global analysis of 1968. Boston: South End Press, 1987.

LEARY, T. **Flashbacks**. “Surfando no caos”: uma autobiografia. São Paulo: Beca, 1999.

MACIEL, L. C. **Geração em Transe**. Memórias do tempo do tropicalismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1996

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações, In: FORACCHI, Marialice M. (org.). **Mannheim**. Sociologia. Tradução de Cláudio Marcondes, Coleção Grandes Cientistas Sociais – 25, São Paulo, Ática, p. 67-95, 1982.

MILLS, C. Wright. **A verdade sobre Cuba**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MORAIS, P. de; REIS FILHO, D.A. **1968**. A paixão de uma utopia. 2.ª ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

POERNER, A. J. **O Poder Jovem**. História da participação política dos estudantes brasileiros. 2.ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PONIATOWSKA, E. **La Noche de Tlatelolco**. Testimonios de historia oral. Cidade do México: Era, 1987.

ROSZAC, T. **A Contracultura**. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANFELICE, J. L. **Movimento estudantil:** a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

SANTOS, B. de S. Da ideia de universidade à universidade de idéias. In: \_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice:** O social e o político na pós-modernidade, 8a ed., São Paulo: Cortez, 2001, cap. 8, p. 187-233.

WALLERSTEIN, Immanuel. 1968. Revolution in the world-system. Theses and queries. *Theory and Society*. Holanda: Kluwer Academic Press, n. 18, 1989, p. 431-449.

\_\_\_\_\_. **O fim do mundo como o concebemos:** ciência social para o século XXI. Rio de Janeiro: Revan, 2002.